

Falar sempre de outra coisa

Ensaaios sobre Eduardo Lourenço

João Tiago Lima

Colecção Iberografias
Volume 22

Título: Falar sempre de outra coisa
Ensaio sobre Eduardo Lourenço

Autor: João Tiago Lima

Pré-impressão: Âncora Editora

Capa: Sofia Ferreira de Lima | Âncora Editora
a partir do layout original de João Pedro Cochofel.

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

1.ª edição: Junho de 2013
Depósito legal n.º 359 505/13
ISBN: 978 972 780 403 0
ISBN: 978

Edição n.º 41022

Centro de Estudos Ibéricos
Rua Soeiro Viegas n.º 8
6300-758 Guarda
cei@cei.pt
www.cei.pt

Âncora Editora
Avenida Infante Santo, 52 – 3.º Esq.
1350-179 Lisboa
ancora.editora@ancora-editora.pt
www.ancora-editora.pt
www.facebook.com/ancoraeditora

Apoios:



Para o Zé e para o João
que marcam *ensaios*.

TÁBUA DE MATÉRIAS

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO I – Sobre Eduardo Lourenço	11
1. Nem isto, nem aquilo. O problema da filosofia portuguesa	11
2. Heterodoxias ou uma deserção sem fim	55
3. Por que razão se é um ensaísta	65
4. Falar sempre de <i>outra coisa</i> ou os limites da teologia para um místico sem fé	67
5. As casas do Neo-Realismo e o resto	75
6. Poesia e filosofia: digressões entre Antero e Pessoa	101
7. Existência e ficção ou o Brasil como “personagem”	111
8. A <i>Situação Africana</i> ou o colonialismo como mito	119
9. Imaginar a Europa: de sujeito a <i>enjeu</i> da História	131
10. Cultura, Europa e Mundialização. Sobre <i>O Esplendor do Caos</i>	141
11. A tensão estrutural da filosofia na segunda metade do século xx	149
CAPÍTULO II – Outros Ensaios	161
12. Outros caminhos do ensaísmo português do século xx: José Bacelar, João Martins Pereira e Mário Sacramento	161
13. Sílvio Lima: racionalismo e modernidade	189
14. Do padrão do gosto à crise da crítica	207
15. Manuel Maria Carrilho ou quando se faz filosofia	215
SOBRE A ORIGEM DOS TEXTOS QUE COMPÕEM ESTE LIVRO	221
BIBLIOGRAFIA	223
ÍNDICE ONOMÁSTICO	235

INTRODUÇÃO

O presente livro reúne quinze ensaios escritos em ocasiões muito variadas, tendo grande parte deles aparecido anteriormente em publicações dispersas. No entanto, em todos os capítulos, ou pelo menos naqueles que compõem a primeira parte desta edição, o leitor encontrará um traço comum, pois são sempre ensaios ou interpretações, mais ou menos amplos, escritos sobre ou a pretexto do pensamento de Eduardo Lourenço. Assim, é possível dizer-se que *Falar sempre de outra coisa* corresponde a uma segunda etapa das nossas investigações acerca da obra daquele que, nas palavras de António Marques, «é o mais universal filósofo português»¹. Com efeito, o ensaísmo de Eduardo Lourenço fora já o tema da nossa Dissertação de Doutoramento, com o título *Existência e Filosofia*, defendida na Universidade de Évora em 2003 e publicada quase integralmente num volume desta mesma colecção, cinco anos depois².

O tempo que passou entretanto não veio a esgotar, como esperamos que agora seja visível, o nosso diálogo com os textos do autor de *Heterodoxias*. E isto por várias razões. Em primeiro lugar, por uma que é absolutamente óbvia, mas que nem por isso passa a ser uma das menos importantes. Eduardo Lourenço continua a escrever e a publicar a um ritmo praticamente impossível de acompanhar, mesmo pelos seus leitores mais atentos. Depois, porque, mesmo se nos ativermos aos seus textos publicados, desconfiamos que haja alguém que possa garantir, em absoluto, que os já leu todos. Se a isto acrescentarmos os ensaios inéditos que, pouco a pouco, têm vindo à luz do dia, percebemos com facilidade que surgem permanentemente novas pistas para explorar assuntos e questões que a escrita inebriante de Eduardo Lourenço, desde há muito, toca e suscita. Felizmente que, desde 1997, ano em que começámos a publicar sobre o ensaísta (embora, em rigor, se tratasse nessa altura apenas de uma recensão crítica ao primeiro livro dedicado à sua obra, *O Regresso do Corifeu* de Maria Manuela Cruzeiro), cresceu imenso a bibliografia sobre Eduardo Lourenço, havendo hoje um número considerável

¹ António MARQUES, “Eduardo Lourenço: antiniilismo e radicalidade”, *Colóquio-Letras*, n.º 180, Lisboa, Maio de 2012, p. 165.

² *Existência e Filosofia. O Ensaísmo de Eduardo Lourenço*, Porto, Campo das Letras, 2008, Col. “Iberografias”, n.º 12.

de estudos focados no seu pensamento. Ou melhor, em aspectos parciais de um percurso singular na cultura portuguesa contemporânea, pois não é fácil sistematizar aquilo a que o seu autor próprio costuma chamar *uma deriva sem fim*. Muito do que, ao longo destes últimos dez anos, escrevemos é por isso também devedor do trabalho de *outros leitores* do ensaísta. Por fim, a circunstância de fazermos parte da equipa, que coordena cientificamente o projecto da edição das *Obras Completas* (Fundação Calouste Gulbenkian) de Eduardo Lourenço, conferiu-nos a magnífica oportunidade de continuar a pesquisar, a ler e a analisar muitos dos seus textos que nos eram até então desconhecidos, entre os quais bastantes manuscritos inéditos. Deste modo, foi também possível desenvolver e aprofundar alguns dos tópicos já estudados em *Existência e Filosofia*. É o caso das interpretações que Eduardo Lourenço faz do chamado *problema da filosofia portuguesa* (capítulo um), bem como a dimensão religiosa do seu pensamento (quarto). No entanto, neste livro, abordamos também novos temas, como sejam o colonialismo português (sete e oito), o destino da Europa num mundo globalizado (nove e dez) ou as relações da obra de Eduardo Lourenço com o estruturalismo (onze).

A segunda parte de *Falar sempre de outra coisa* recolhe quatro ensaios que, não versando directamente o ensaísmo de Eduardo Lourenço, têm, quanto a nós, notórias afinidades com o resto do livro. Em três deles (doze, treze e quinze) tentamos reflectir sobre algumas vertentes das obras de ensaístas ou filósofos portugueses que, de uma forma ou de outra, se aproximam de preocupações comuns às do autor de *O Labirinto da Saudade*. É o caso de Sílvio Lima (que foi professor de Eduardo Lourenço na Universidade de Coimbra), José Bacelar, Mário Sacramento, João Martins Pereira e, nos dias de hoje, de Manuel Maria Carrilho. Um outro texto (catorze), por fim, procura visitar a teoria estética de David Hume, designadamente o seu conceito de *standard of taste*, fazendo-o à luz daquilo a que Eduardo Lourenço chamou, em meados do século passado, *crise da consciência judicativa*.

A expressão, elegida para título deste livro, foi inspirada numa passagem do quase esquecido ensaio de Eduardo Lourenço sobre o discurso acerca de Deus, que terá um tratamento mais alargado em capítulo já referido. Nesse texto, publicado num dos famosos cadernos temáticos da revista *O Tempo e o Modo*, Eduardo Lourenço afirma que «quando nós falamos de Deus, nós falamos sempre de *outra coisa*». Mas, sendo a questão de Deus,

também e porventura antes de mais, a *sua questão* com Deus, o ensaísta não deixa também de escrever: «isto não nos autoriza a concluir que através dessa ‘outra coisa’ não seja de Deus que estejamos falando». Ora, do nosso ponto de vista, este *falar sempre de outra coisa* é talvez uma das marcas do modo tão peculiar como Eduardo Lourenço *ensaia* o seu pensamento heterodoxo. Daí que, quando se abeira de conceitos e questões como *filosofia portuguesa*, ensaio, neo-realismo, colonialismo, comunidade luso-brasileira, Europa, globalização, estruturalismo ou até da própria heterodoxia, o leitor colha, por vezes, a impressão de que se esteja sempre a falar de outra coisa. Não nos devemos iludir, contudo. Não se coloca aqui em causa o sólido e vastíssimo conhecimento que Eduardo Lourenço tem dos muitos e diferentes assuntos de que trata. Pelo contrário. Chega a ser impressionante, quer o domínio que tem dos autores e das obras acerca dos quais escreve, quer o fulgor das intuições que povoam as suas exegeses. O que está em jogo é, parece-nos, outra coisa. Precisamente essa outra coisa que toda e qualquer outra coisa também não deixa – porque não pode deixar – de ser. Há uma espécie de deslocação, operada pelo ensaísmo de Eduardo Lourenço, que nos fornece uma outra perspectiva sobre problemas que, muitas vezes por excesso de pressa, nos habituámos a considerar inactuais. Queremos com isto significar que a proposta de Eduardo Lourenço nos oferece a verdadeira resposta aos problemas com que lida? Decerto que não. De resto, seríamos ingénuos, caso pensássemos que o ensaísta se limita a fazer uma mera substituição das interpretações tradicionais. Muitas vezes, isso também sucede. Mas quase sempre visa e chega mais longe. Julgamos que o ensaísmo de Eduardo Lourenço é, por assim dizer, aporético. Assim, se muitas vezes parece inconclusivo, o pensamento da heterodoxia deixa sempre em aberto a possibilidade de, falando de outra coisa, acontecer ser mesmo dela que estejamos a falar.

Escrever sempre de outra coisa, eis o desafio. A pretexto dos ensaios de Eduardo Lourenço, sem dúvida. Mas também de outros ensaístas e de outros ensaios. Na esperança de que, escrevendo com uns e com outros, escrevamos também ao Leitor *de outra coisa*, porque, como disse Fernando Pessoa, *essa coisa é que é linda*.

Évora, 22 de Fevereiro de 2013